

PERFIL DE MULHERES QUE VIVENCIAM VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NO CONTEXTO HOSPITALAR: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Edilene Santos Conceição¹
Aiara Nascimento Amaral Bomfim²

RESUMO

Objetivo: Compreender o perfil das mulheres que vivenciaram violência obstétrica no contexto hospitalar. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada em novembro de 2022, através das bases de dados da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), sendo elas: Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), Biblioteca Cochrane e Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Base de Dados em Enfermagem (BDENF). **Resultados:** Foram observadas várias características das mulheres, dentre elas, os dados revelam maior proporção entre mulheres jovens, negras e com baixa escolaridade e renda. **Considerações finais:** É evidente que precisam ser elaboradas ações que previnam a violência Obstétrica, a fim de garantir uma assistência de qualidade e humanizada as parturientes.

Palavras-chave: Violência Obstétrica; Mulheres; Parto; Epidemiologia.

1 INTRODUÇÃO

A terminologia violência obstétrica (VO) é utilizada para conceituar qualquer tipo de ação ou omissão direcionada a mulher durante o período gravídico puerperal ou ao seu recém-nascido. Esse fenômeno representa desrespeito a liberdade, dignidade física e mental e preferências das mulheres. Desse modo, é considerada VO desde delonga na assistência, abuso físico, mental e ou psicológico, negligência, práticas de condutas não consentidas, bem como a não utilização de práticas recomendadas (Lansky *et al.*, 2019).

Em meados do século XX os partos que aconteciam na maioria das vezes nos domicílios tendo assistência de mulheres e parteiras, passaram a ser em instituições hospitalares. Dessa forma, a assistência obstétrica no Brasil, historicamente é marcada por um excesso de intervenções e restrições, que favorecem a diminuição ou perda da autonomia da mulher sobre o seu corpo no momento do parto (Souza *et al.*, 2021).

Com a institucionalização do parto o modelo de assistência à saúde das mulheres centrado na figura do saber científico dificulta o protagonismo da mulher frente ao processo de

¹Bacharelado em Enfermagem pelo Centro Universitário Jorge Amado, E-mail: edilenesantos19@outlook.com

² Docente do Centro Universitário Jorge Amado, E-mail: aiara.nascimento@unijorge.edu.br

parir. Dessa forma, descredibiliza o saber popular em detrimento do uso de técnicas e coloca em segundo plano as necessidades das mulheres, expondo-as à intervenções desnecessárias sem embasamento científico consolidado. (Bezerra *et al.*, 2020).

Em 2020 no Brasil 57% dos partos ocorridos no ambiente hospitalar foram cesáreos e 42% foram vaginais. Essa quantidade de cesariana é um fator alarmante, já considerado como um problema de saúde pública a epidemia das cesarianas, pois segundo o Ministério da Saúde (MS) e a Organização Mundial da saúde, a recomendação é que seja feito entre 10% a 15% de partos com intervenção cirúrgica. Dessa forma, considera-se que a realização de partos cesáreos sem indicação clínica expõe a gestante três vezes mais o risco de morte durante o parto (Guimarães *et al.*, 2021).

A diminuição da mortalidade materna está presente na agenda global dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, no qual o Brasil participa. Tal pactuação objetiva-se reduzir a mortalidade materna para menos de 70 mortes por 100.000 nascidos vivos até 2030. Através da participação da parturiente no processo de cuidado, de uma melhoria no acesso a prestação de serviços e na assistência à saúde da mulher.

Outras pesquisas apontam que as mulheres que utilizam o setor público são mais afetadas pela VO do que aquelas que utilizam a rede privada. E parte dessa violência acontece devido a uma falta de estrutura nas maternidades públicas. Por exemplo em alguns hospitais há uma precariedade de insumos como os biombos, sendo assim, em uma enfermaria com mais de uma paciente sem nenhum biombo se torna inacessível um homem acompanhar o trabalho de parto de outras mulheres (Leite *et al.*, 2022).

Em contraponto, (Arantes *et al.*, 2021), aborda que a violência Obstétrica atinge mulheres de diferentes etnias, idades, condições socioeconômicas, com diferentes profissões e variados níveis de escolaridade. Além disso, a VO é mais evidente quando existe uma falta de comunicação efetiva entre os profissionais de saúde e a parturiente.

Corroborando, (Lansky *et al.*, 2019), aponta que existe uma relação entre a violência obstétrica e o nível de hierarquia e classe social das mulheres, constatando que as mulheres de classes sócias desfavorecidas, são expostas a maiores intervenções desnecessárias e condutas inadequadas durante o trabalho de parto.

Para tanto, os profissionais de saúde, devem se preparar para elaborar ações de prevenção contra VO e garantir que seja oferecida humanização e qualidade na assistência obstétrica. Nesse sentido, o estudo em questão justifica-se a partir da necessidade de compreensão do perfil das mulheres que vivenciam violência obstétrica no contexto hospitalar, para prevenção desse fenômeno. Além disso, os resultados aqui expostos têm a capacidade de

demonstrar aos profissionais e acadêmicos que assistem a mulher no período gravídico, parto e puerpério quais são os fatores apontados na literatura que estão relacionados a VO, como fundamentais para elaboração de prevenção de ações contra violência obstétrica.

Assim, o presente estudo tem o objetivo de compreender o perfil das mulheres que vivenciaram violência obstétrica no contexto hospitalar.

2 METODOLOGIA

O presente estudo consiste em uma revisão integrativa da literatura, que tem como objetivo identificar publicações já existentes sobre o tema em questão. Este método permite a síntese de conhecimento e a incorporação dos resultados de estudos significativos na prática. Foi realizada com base nas seguintes etapas: (1) elaboração da questão de pesquisa; (2) seleção de critérios de inclusão e exclusão dos artigos; (3) busca na literatura; (4) avaliação crítica dos resultados dos estudos; (5) discussão dos resultados e apresentação da revisão integrativa (Souza *et al.*, 2017).

Para o desenvolvimento da primeira etapa metodológica foi aplicada a estratégia PICO (Quadro 1), que tem como objetivo ajudar na formulação da questão norteadora da pesquisa. O acrônimo PICO refere-se as seguintes palavras: População (P); Interesse (I); e Contexto (Co) (Galvão *et al.*, 2021).

Quadro 1. Estratégia PICO. Salvador- BA, Brasil.

ACRÔNIMO	DEFINIÇÃO	APICAÇÃO
P	População	Mulheres
I	Interesse	Perfil
Co	Contexto	Violência obstétrica no contexto hospitalar
Questão de pesquisa	Qual o perfil das mulheres que vivenciaram violência obstétrica no contexto hospitalar?	

Fonte: produzido pelos autores.

A busca dos artigos foi realizada por meio da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), utilizando as seguintes bases de dados: Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), Biblioteca Cochrane e Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Base de Dados em Enfermagem (BDENF), a qual foi realizada em novembro de 2022, proveniente da combinação de Descritores em Ciências da Saúde

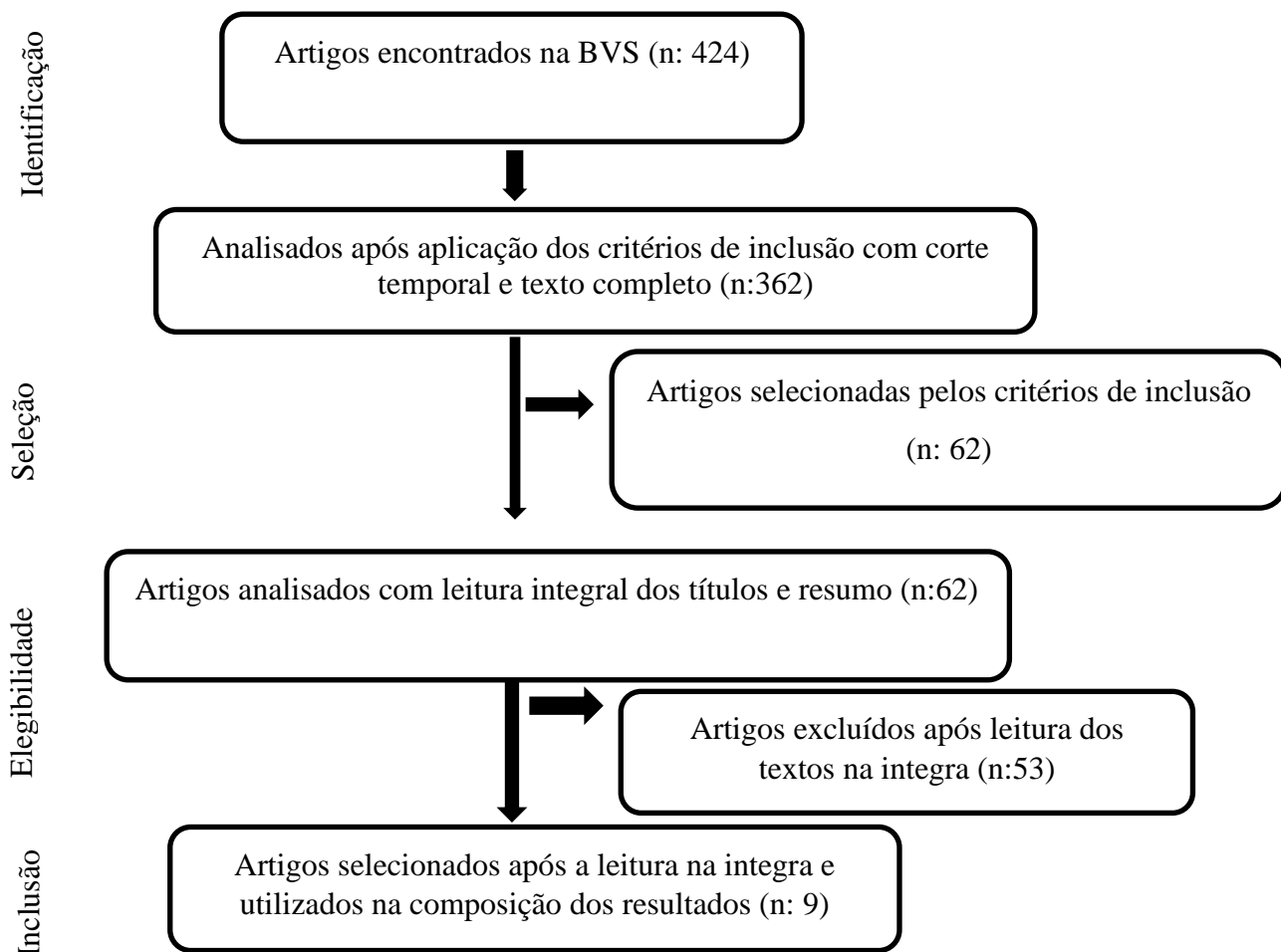
(DeCs) e operadores booleanos AND e OR da seguinte forma: “violência obstétrica” AND “Parto Obstétrico” OR “Parto”. Encontrando cerca de 424 artigos.

Os critérios de inclusão estabelecidos para construir a revisão integrativa foram: abordagem dentro da temática, artigos originais de estudos nacionais e internacionais, escritos em inglês, português e espanhol, publicados na íntegra no recorte temporal dos últimos 5 anos, encontrados gratuitamente no formato completo. Foram excluídos da amostra: artigos duplicados, revisões de literatura, tese e dissertações.

Foi utilizada uma ferramenta de análise para organização dos resultados, com uma tabela incluindo os seguintes elementos: artigo, periódico, autores, objetivo, resultados e natureza dos estudos. Surgiram dos resultados 5 categorias, sendo elas: faixa etária da vítima; essa violência tem cor; relação entre V.O e escolaridade; condição socioeconômica e ocupação das vítimas e tipo de parto.

As pesquisas reuniram um total de 424 artigos. Destes, foram selecionados 62 para análise e leitura dos seus títulos e resumos, o restante dos estudos não atenderam aos critérios de inclusão e exclusão e foram excluídos. Todavia, 9 artigos foram utilizados para discussão neste estudo após leitura criteriosa e completa (Fluxograma).

Figura 1 Fluxograma referente a filtragem dos artigos



Fonte: Autoria própria

3 RESULTADOS

Foram incluídos nessa revisão 9 artigos, sendo a maioria de natureza qualitativa. Os estudos incluídos compreendem os anos de publicação de 2019 a 2022, sendo de 2019 (n=3), 2020 (n=3), 2021, 2022 (n=3). A maioria dos estudos avaliou o perfil das mulheres que vivenciaram violência obstétrica no contexto hospitalar.

Quadro 2. -Características dos estudos incluídos para a revisão integrativa

Artigo, Periódico	Autores	Objetivo	Resultados	Natureza do estudo
A1, Cuidarte	Melo, <i>et al.</i> (2022)	Analisar os relatos de puérperas sobre violência obstétrica identificadas no cuidado obstétrico, à luz da teoria da diversidade e universalidade do cuidado cultural.	Foi observado que das puérperas que sofreram VO, a maioria tinha idade entre 18 a 32 anos, em relação ao número de filhos 60% eram primíparas, 80 % foram partos normais, 50% tinham ensino médio incompleto. E a renda familiar prevaleceu entre 900 a 1.800 reais. Quanto a ocupação prevaleceu: do lar, empregadas domésticas, estudantes e autônomas.	Transversal/qualitativo
A2, BMC Womens Health	Wudneh A, <i>et al.</i> (2022)	Explorar a experiência de mulheres com deficiência em relação à violência obstétrica durante o parto na zona de Gedio, sul da Etiópia.	De acordo com o estudo, Quanto a ocupação: 63,64 % eram donas de casa. Em relação ao estado civil a maioria era casada, tinham o ensino fundamental completo, e quase todas as participantes tinham renda considerada média baixa, e quanto ao número de filhos a maioria era múltipara.	Qualitativo, descritivo e fenomenológico
A3, Revista brasileira de enfermagem	Oliveira, <i>et al.</i> (2022)	Descrever a assistência obstétrica desenvolvida em hospitais de ensino (HT) do município de Maceió-AL, destinados às gestações de alto risco.	De acordo com o estudo, houve um predomínio de mulheres que sofreram VO com idade igual ou superior a 18 anos, de raça mista, união estável. 69% realizaram cesariana, e quanto a paridade houve uma predominância com mulheres primíparas.	Coorte retrospectivo
A4, Enferm. Foco (Brasília)	Bezerra E, <i>et al.</i> (2020)	Descrever aspectos de violência obstétrica vivenciada durante o trabalho de parto e parto.	De acordo com o estudo, a maioria das mulheres que vivenciaram VO, tinham em média 28,4 anos, observou-se a prevalência de gestantes classificadas como: pardas, em união estável, com ensino médio completo, renda familiar superior a um salário mínimo e múltiparas.	Descritiva e qualitativa
	Campos, <i>et al.</i> (2020)	Compreender a experiência de puérperas com as	O estudo mostrou que a faixa etária predominante das puérperas que participaram é dos 17 aos 25 anos.	Qualitativo, descritivo e exploratório

A5, Rev. Baiana enferm		práticas convencionais do parto e violência obstétrica.	A maioria eram pardas, solteiras, e renda familiar igual ou maior que um salário mínimo.	
A6, Nursing (São Paulo)	Pascoal, <i>et al.</i> (2020)	Analisar a percepção de puérperas a respeito da violência obstétrica em uma maternidade de um município paraibano.	Foi observado que das mulheres analisadas 64% tinham idade entre 18 a 29 anos, a maioria 50% em união estável, 67,4%, 59,8 % eram domésticas, 39,4% eram multigestas.	Descritivo, com abordagem quantitativa
A7, Enferm actual Costa Rica (Online)	Nascimento, <i>et al.</i> (2019)	Averiguar o conhecimento de mulheres sobre a violência obstétrica e verificar as formas de violência obstétrica vivenciadas por mulheres durante o processo de parturição.	Das mulheres que participaram da pesquisa, 50 % se declararam pardas, 45% com ensino fundamental incompleto, a maioria em união consensual 55%, e 75% com renda familiar inferior a um salário mínimo. E em relação aos antecedentes obstétricos 85% eram múltiparas.	Descritiva de caráter qualitativo
A8, ABCS health sci	Oliveira, <i>et al.</i> (2019)	Analisar as experiências de trabalho de parto e parto de mulheres que sofreram violência obstétrica.	O estudo evidenciou que a maioria das participantes tinham entre 21 e 25 anos e eram solteiras. Em relação a escolaridade a maioria tinha ensino médio incompleto, cor parda e desempregadas.	Qualitativo
A9, Cien Saude Cole	Lansky, <i>et al.</i> (2019)	Analisar o perfil das gestantes que visitaram a Sentidos do Nascer, a sua percepção sobre violência no parto e nascimento e os fatores socioeconômico-demográficos e assistenciais associados ao relato de VO.	De acordo com o estudo, das mulheres que sofreram VO, 62,9% eram negras (parda/preta). Estado civil: 72,9% eram casadas/união estável. Escolaridade: 82,9% tinham ensino superior ou mais. Tipo de parto: 55,7% foram cesárias.	Transversal, multicêntrico e multimétodos

Fonte: Autoria própria

4 DISCUSSÃO

Após a leitura na íntegra dos estudos selecionados, emergiram as seguintes categorias: faixa etária da vítima; essa violência tem cor; relação entre V.O e escolaridade; condição socioeconômica e ocupação das vítimas e tipo de parto.

4.1 Faixa etária da vítima

O alto índice de violência obstétrica no contexto hospitalar não deixa dúvidas quanto à necessidade de um olhar qualificado para este problema, com interesse em encontrar instruções para o desenvolvimento de ações mais eficazes contra esse fenômeno. Neste cenário, de acordo com as análises dos dados das pesquisas verificou-se que a idade das mulheres vítimas de violência obstétrica está na faixa de 17 a 34 anos. (Campos *et al.*, 2020; Oliveira *et al.*, 2019). Com predominância de mulheres adultas-jovens entre 18 a 29 anos. (Melo *et al.*, 2022; Oliveira *et al.*, 2022; Bezerra E *et al.*, 2020; Pascoal *et al.*, 2020).

Em seu estudo (Medeiros *et al.*, 2016), ao investigarem as percepções acerca do parto normal no sertão paraibano, indicou que a maioria das parturientes que sofreram VO também tinham faixa etária entre 18 a 23 anos. Além disso, acreditavam-se que essa idade é um fator que influencia na pouca experiência e conhecimento sobre o que é violência obstétrica. Elementos que reforçam com os resultados apresentados.

4.2 Essa violência tem cor

Os resultados dos estudos, evidenciam que a grande maioria das mulheres que vivenciaram a VO eram pardas, no estudo de (Oliveira *et al.*, 2022), a maioria das vítimas eram de raça mista.

Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) as classificação para auto declaração da cor da pele são divididas em cinco grupos: preta, branca, parda, amarela e indígena, além disso de acordo com o órgão os autos declarados pardos, pretos e mestiços são considerados um grupo racial negro (Petruccelli; Saboia 2013).

Em relação a violência obstétrica vivenciada por mulheres negras, é observado que há uma desigualdade no atendimento dessa classe. E em comparação as mulheres de raça branca o risco das mulheres negras em ter uma assistência desumana e inadequada durante o pré-natal e parto é aumentado (Leal *et al.*, 2017).

Além disso, a violência obstétrica é observada predominantemente entre as mulheres negras. (Bezerra E *et al.*, 2020; Campos *et al.*, 2020). Nesse sentido, é possível observar que existe uma prática discriminatória por trás das violências cometidas durante o trabalho de parto, que está relacionada a raça e etnia. (Nascimento *et al.*, 2019; Oliveira *et al.*, 2019; Lansky *et al.*, 2019).

Em um estudo de base hospitalar realizado com puérperas e seus recém-nascidos, ao pesquisarem as desigualdades sociodemográficas no atendimento à maternidade no sudeste brasileiro de acordo com a cor da pele, indicaram um grande percentual de mulheres pardas e negras, além dos racismos como altos indicadores de saúde, que neste caso, apresenta-se desfavorável para essas mulheres tornando –as mais suscetíveis a eventualidade da violência obstétrica. Pesquisa que se aproxima com os resultados discorridos. (Diniz *et al.*, 2016).

4.3 Relação entre V.O e escolaridade

Com base nos trabalhos selecionados três deles indicaram que a maioria das mulheres que sofreram VO tinham cursado até o ensino médio incompleto (Oliveira *et al.*, 2019; Nascimento *et al.*, 2019; Melo *et al.*, 2022). Ou seja, a baixa escolaridade colabora para que a mulher esteja suscetível a VO, pois, o entendimento sobre saúde acerca do tema tratado pode ser comprometido, e nessa condição a mulher pode não ter uma percepção sobre seu real estado frente a esse fenômeno. (Wudneh A *et al.*, 2022; Bezerra E *et al.*, 2020).

Outras pesquisas que se aproximam, dizem respeito a escolaridade. (Ribeiro *et al.*, 2021), ao analisarem sobre as questões socioeconômicas das mulheres vítimas de violência obstétrica, indicaram que o conhecimento em saúde sobre o tema abordado pode ser comprometido por conta do baixo nível de escolaridade. (Silva *et al.*, 2019), ao pesquisarem o conhecimento das puérperas sobre a VO, enfatizaram que quanto menor for a escolaridade maior será o índice da violência.

4.4 Condição socioeconômica e ocupação das vítimas

Em seu artigo (Melo *et al.*, 2022), ao analisar os relatos de puérperas sobre violência obstétrica identificadas no cuidado obstétrico, afirmam que a maioria delas tem uma renda familiar entre 900 a 1.800 reais. De forma complementar, (Wudneh A *et al.*, 2022; Bezerra E *et al.*, 2020; Campos *et al.*, 2020; Nascimento *et al.*, 2019), apontam em seus estudos que as participantes tinham renda considerada média baixa. Fazendo uma relação entre os dados desses estudos é possível identificar que as mulheres com baixa renda em comparação com as que tem uma altas condições financeiras apresentam muitas desvantagens em relação aos serviços de

saúde e assistência obstétrica, elas enfrentam obstáculos maiores para receber cuidados adequados durante a gravidez e o parto, aumentando o risco de vivenciar a violência obstétrica.

Além disso, os estudos de (Melo *et al.*, 2022; Wudneh A *et al.*, 2022; Pascoal *et al.*, 2020; Oliveira *et al.*, 2019), concordam que existe uma relação entre a ocupação dessas mulheres e a violência obstétrica, De acordo com as pesquisas desses autores as parturientes eram empregadas domésticas, trabalhadoras do lar, estudantes, desempregadas e autônomas. Dessa forma, é possível evidenciar que muitas vezes existe uma discriminação das partes dos profissionais contra as classes sócias, tornando os serviços de assistência obstétrica prejudicial à saúde dessas mulheres, essa discriminação pode manifestar-se de diversas formas, incluindo tratamento desrespeitoso, negligência e falta de informação adequada.

4.5 Tipo de parto

Quanto ao tipo de parto da vítima, (Melo *et al.*, 2022), mostraram que 80% das puérperas que participaram do estudo tiveram parto normal, porém as mulheres desse estudo relataram que não fizeram parte das tomadas de decisões sobre as condutas no momento do parto, além disso, elas foram submetidas a intervenções sem conhecimento prévio como a episiotomia e na maioria das vezes não fazem questionamento a respeito. Nesse momento tão importante na vida da mulher, é imprescindível que haja uma explicação sobre os procedimentos que serão feitos, tanto para ela se manter informada e permitir com tais condutas, como também para aliviar a tensão dela. (Leite *et al.*, 2019).

Essa mesma associação não foi constatada com as pesquisas de (Oliveira *et al.*, 2022; Lansky *et al.*, 2019), que constataram uma relação de que a maioria das gestantes que sofreram a VO tiveram parto Cesário, sendo este um fator preocupante pois, a epidemia das cesarianas é um problema de saúde pública no Brasil de acordo com a organização mundial da saúde.

De acordo com o MS, a realização da cesariana desnecessária e sem o consentimento da mulher é configurada como violência obstétrica, além disso, quando se realiza um parto Cesário sem indicação clínica a gestante tem três vezes mais o risco de morte durante o parto. (Guimarães *et al.*, 2021).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, foi observado que o perfil das mulheres que sofrem violência obstétrica no contexto hospitalar pode variar, mais existe uma tendência comum entre mulheres jovens, negras, com baixa escolaridade e condição socioeconômica.

Ao descrever o perfil das mulheres que sofreram violência obstétrica foi possível evidenciar a necessidade de elaboração de ações educativas que previnam esse fenômeno, através de um diálogo transparente entre as parturientes e toda a equipe de saúde, para fortalecer políticas que garantam um ambiente acolhedor durante o parto com o intuito de garantir a essas mulheres uma assistência humanizada.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Caroline Rodrigues et al. Violência obstétrica na sala de parto: tipos de violência e perfil das vítimas/Obstetric violence in birth room: types of violences and profile of victims. **Brazilian J Dev**, v. 7, n. 8, p. 77964-80, 2021. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/34046>. Acesso em: 04/11/2022

BEZERRA, Elys Oliveira et al. Aspectos da violência obstétrica institucionalizada. **Enferm Foco**, v. 11, n. 6, p. 157-164, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2020.v11.n6.3821>, Acesso em: 03/11/2022.

CAMPOS, Vanuza Silva et al. PRÁTICAS CONVENCIONAIS DO PARTO E VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA SOB A PERSPECTIVA DE PUÉRPERAS. **Rev. baiana enferm.** Salvador, v. 34, e35453, 2020. Disponível em <http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-86502020000100323&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14/11/2022. 2022.

DA SILVA LEITE, Ingridy Mayara; DE SOUZA, Daniela Heitzmann Amaral Valentim. Violência obstétrica: o relato de uma dor. **Revista Interscientia**, v. 7, n. 1, p. 162-180, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unipe.br/index.php/interscientia/article/view/784>. Acesso em: 06/11/2022.

DE MEDEIROS, Nathália Costa Melquiades; MARTINS, Edmara Nóbrega Xavier; DE FARIAS CAMBOIM, Francisca Elidivânia. Violência obstétrica: percepções acerca do parto normal. 2016. Disponível em: <http://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2016/09/16331.pdf>. Acesso em: 30/11/2022.

DE OLIVEIRA, Maria do Socorro Santos et al. Vivências de violência obstétrica experimentadas por parturientes. **ABCS Health Sciences**, v. 44, n. 2, 2019. <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/6604>
<https://www.portalnepas.org.br/abcshs/article/view/1188>. Acesso em: 22/11/2022.

DE SOUSA, Maria Patrícia Vitorino et al. Violência obstétrica: fatores desencadeantes e medidas preventivas de enfermagem. **Nursing (São Paulo)**, v. 24, n. 279, p. 6015-6024, 2021. Disponível em: <https://revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/view/1707>. Acesso em: 01/11/2022.

DINIZ, Carmen Simone Grilo et al. Desigualdades sociodemográficas e na assistência à maternidade entre puérperas no Sudeste do Brasil segundo cor da pele: dados do inquérito nacional Nascer no Brasil (2011-2012). **Saúde e Sociedade**, v. 25, p. 561-572, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/cdK3mWB5JJMSFbFPx3bC3nv/?lang=pt>. Acesso em: 27/11/2022.

GALVÃO, Ana Patrícia Fonseca Coelho et al. Estratégia pico para evidências científicas: impacto na qualidade de vida do paciente hemodialítico. **Nursing (São Paulo)**, p. 6642-6655, 2021. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/fr/biblio-1371065>. Acesso em: 30/11/2022.

GUIMARÃES, Nara Moraes et al. Partos no sistema único de saúde (SUS) brasileiro: prevalência e perfil das parturientes. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 2, p. 11942-11958, 2021. Disponível em: https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/download/24110/19302?_cf_chl_tk=02sbMvOzsMhQu.drrMya5NENcjlNJ6h.V9KTrazEomA-1706644577-0-gaNycGzNFhA. Acesso em: 03/11/2022.

LANSKY, Sonia et al. Violência obstétrica: influência da Exposição Sentidos do Nascer na vivência das gestantes. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**. 2019, v. 24, n. 8. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/66HQ4XT7qFN36JqPKNCPrjj/?lang=pt>. Acesso em: 01/11/2022.

LEAL, Maria do Carmo et al. A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 33, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/LybHbcHxdFbYsb6BDSQHb7H/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 06/11/2022.

LEITE, Tatiana Henriques et al. Desrespeitos e abusos, maus tratos e violência obstétrica: um desafio para a epidemiologia e a saúde pública no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**. v. 27, n. 02, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232022272.38592020>. Acesso em: 03/11/2023.

MELO, Bruna Larisse Pereira Lima et al. Violência obstétrica à luz da teoria da Diversidade e Universalidade do Cuidado Cultural. **Revista Cuidarte**, 13 (1), 2022. Disponível em: <https://revistas.udes.edu.co/cuidarte/article/view/1536#:~:text=Conclus%C3%A3o%3A%20A%20viol%C3%Aancia%20obst%C3%A9trica%20aconteceu,na%20comunica%C3%A7%C3%A3o%20e%20cuidado%20fragilizado>. Acesso em: 22/11/2022.

NASCIMENTO, Samilla Leal do et al. Conhecimentos e experiências de violência obstétrica em mulheres que vivenciaram a experiência do parto. **Enfermería Actual de Costa Rica**, San José, n. 37, p. 66-79, Dec. 2019. Disponível em: http://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1409-45682019000200066&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20/11/2022.

OLIVEIRA, Larissa Lages Ferrer de et al. Characterization of obstetric care developed in teaching hospitals in a capital of northeast Brazil. **Revista Brasileira de Enfermagem [online]**. 2022, v. 75, n. 01. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0896>. Acesso em: 13/11/2022.

PASCOAL, Karem Cristinny Fontes et al. Violência obstétrica na percepção de puérperas. **Nursing (São Paulo)**, v. 23, n. 265, p. 4221-4232, 2020. Disponível em: <https://revistas.mpmcomunicacao.com.br/index.php/revistanursing/article/view/636>. Acesso em: 20/11/2022.

PETRUCCELLI, José Luis; SABOIA, Ana Lucia (Ed.). **Características étnico-raciais da população: classificações e identidades**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística--IBGE, 2013. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=284235>. Acesso em: 30/11/2022.

RIBEIRO, Karine Gondin et al. Caracterização da violência obstétrica na produção científica: uma revisão integrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 4, p. e6604-e6604, 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/6604>. Acesso em: 25/11/2022.

SILVA, Fabiana da Conceição et al. O saber de puérperas sobre violência obstétrica. **Rev. enferm. UFPE on line**, p. [1-6], 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1051354>. Acesso em: 29/11/2022.

SOUZA, L. M. M. et al. A metodologia de revisão integrativa da literatura de enfermagem. **Rev Invest Enferm [Internet]**. 2017 [cited 2019 Jun 06]; Ser. II (21): 17-26. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/321319742_Metodologia_de_Revisao_Integrativa_da_Literatura_em_Enfermagem. Acesso em: 04/11/2022

WUDNEH, Aregahegn et al. Violência obstétrica e sobreposições de deficiência: violência obstétrica durante o parto entre mulheres com deficiência: um estudo qualitativo. **Saúde da mulher BMC**, v. 1, pág. 1-13, 2022. Disponível em: <https://bmcwomenshealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12905-022-01883-y>. Acesso em: 06/11/2022.